



O Aterro e o Parque do Flamengo. 50 anos de espaço público. Sucessos e conflitos

Maria Lucia Pires Menezes
Universidade Federal de Juiz de Fora.
mlm08geo@gmail.com

O Aterro e o Parque do Flamengo. 50 anos de espaço público. Sucessos e conflitos. (Resumo)

O Parque do Flamengo, ou mais comumente chamado de Aterro do Flamengo, constitui-se num *park-way* originado de um extenso aterro entre as praias de Santa Luzia e Botafogo, na orla centro-sul da baía de Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro. Projeto modernista e com paisagismo original, nativo e exótico, onde se localizam monumentos, áreas de esporte, museus, casa de shows, restaurantes, praia, ciclovias, equipamentos de lazer e uma marina. Domingos e feriados são dias exclusivos para o lazer. Porém, conflitos ocorrem devido à tentativa de privatizar o uso de determinados espaços e equipamentos, ao abate de árvores num parque tombado pelo IPHAN e à privatização das instalações da Marina da Glória, ações que desconsideram o fato de a cidade ter sido eleita como Patrimônio Mundial Cultural. O presente artigo propõe-se a analisar a importância do Parque do Flamengo como espaço público cidadão de práticas culturais, esportivas e de lazer em contraponto com os processos de privatização, o consequente impacto ambiental sobre áreas do parque e o contraditório absentismo do Estado sobre esse processo.

Palavras-chave: Parque do Flamengo, espaço público, lazer, esporte, Rio de Janeiro.

The Flamengo Reclamation Ground and Park. Fifty years of public space. Successes and conflicts (Abstract)

Flamengo Park, or more commonly called the Flamengo Reclamation Ground, is constituted in a park-way that originated from extensive land reclamation between the beaches of Santa Luzia and Botafogo, on the south-central edge of the Guanabara Bay, in the city of Rio de Janeiro. It is a modern project, with original, native, and exotic landscaping design, where monuments, sports areas, museums, concert halls, restaurants, beach, bike paths, leisure facilities, and a marina are located. Sundays and holidays are days exclusively for leisure activities. However, conflicts are arising due to the attempt to privatize the use of certain spaces and equipment, the felling of trees in a park set aside by IPHAN (National Historic and Artistic Heritage Institute), and the privatization of the Gloria Marina facilities, actions that disregard the fact that the city was chosen as a World Cultural Heritage site. This article aims

to analyze the importance of Flamengo Park as a popular public space for cultural, sports, and leisure activities, in contrast with the privatization processes, the resulting environmental impact on areas of the park, and the contradictory absenteeism of the State regarding that process.

Keywords: Flamengo Park, public space, leisure, sports, Rio de Janeiro

Aterro do Flamengo: jardim a beira mar plantado

O Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, mais conhecido como Parque do Flamengo, é também referenciado pela população carioca como Aterro do Flamengo¹. Esta designação ocorre por razões que remetem à escala da intervenção urbanística – criação de solo urbano por aterramento e pela forma de apropriação do sistema de transportes da cidade, em que se destaca no itinerário dos ônibus urbanos o trajeto “via Aterro” nas linhas que se dirigem à Zona Sul do Rio de Janeiro pelas vias expressas que atravessam o parque. (figura 1)

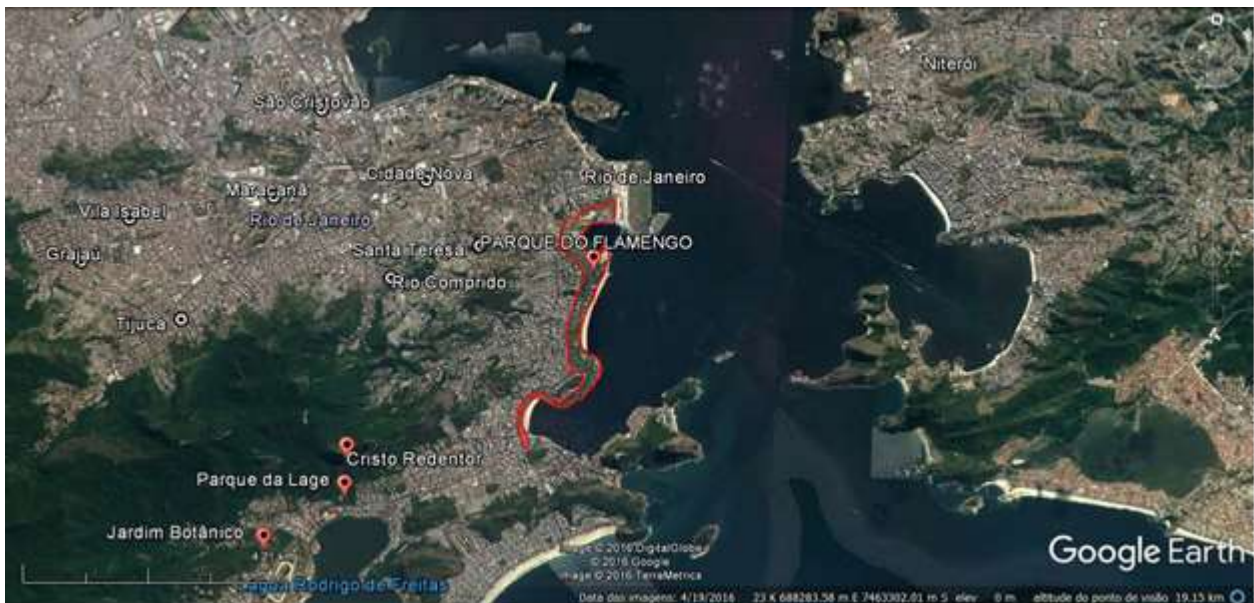


Figura1. Localização do Parque do Flamengo

.Fonte: Google Earth. Acesso em 29/01/2017.

O Parque do Flamengo, concebido como park-way, localiza-se no Bairro do Flamengo, junto à orla da Baía de Guanabara e estende-se do Aeroporto Santos Dumont ao início da Praia de Botafogo². O projeto paisagístico é de Roberto Burle Marx, os projetos de urbanização e equipamentos são de Affonso Eduardo Reidy (figura 2) e a equipe de trabalho foi chefiada por Carlota de Macedo Soares³. O local foi inaugurado em 12 de outubro de 1965 (Dia do

¹ No livro *Galo das Trevas*, assim Pedro Nava se refere ao Jardim da Glória, “Jardim a beira mar plantado” localizado ao outro lado do Parque do Flamengo, no bairro do mesmo nome.

² Tanto na orla dos bairros do Flamengo quanto de Botafogo as avenidas que circundavam a beira mar receberam o nome de Avenidas Praia do Flamengo e Praia de Botafogo, mesmo que atualmente, em função de aterramentos não estejam mais a beira mar.

³ Uma equipe responsável pelo tráfego e obras (Secretaria Geral de Viação e Obras), outra pela infraestrutura: (SURSAN) e o Grupo de Trabalho criado pelo decreto estadual nº 607, de 4/10/1961, presidido por Maria Carlota de Macedo Soares. Este Grupo, segundo Enaldo Cravo Peixoto (5), era formado pelos seguintes profissionais: Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira Sérgio Bernardes, Hélio Mamede, Maria Hanna Siedlikowski, Juan Derlis Scarpellini Ortega e Carlos Werneck de Carvalho (arquitetos); Berta Leitchic

descobrimiento da América, Dia da Criança e de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil), quando da comemoração do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro. O estilo paisagístico é classificado como Moderno e a linha do projeto para “lazer interativo e paisagismo rodoviário”. Sob a tutela da Fundação Parques e Jardins, o Parque permanece aberto 24 horas e interditado ao trânsito de veículos e ônibus aos domingos e feriados. Dentre os seus principais atrativos, pode-se citar o “Jardim monumental composto por plantas do mundo todo, com maravilhosa vista da Baía de Guanabara, e a extensa área verde com diversas espécies de árvores e outras plantas”.⁴



Figura 2. Fotografia do Coreto Estrela. Arquitetura modernista projetado por Affonso Eduardo Reidy

Fonte: WikiRio

Jardins e áreas de playground são destaques para o visitante e usuário. Integram o parque diversas esculturas e equipamentos programados para variados tipos de espaços de lazer e cultura, destacando-se o Monumento a Estácio de Sá, de Lucio Costa e o Museu de Arte Moderna — MAM, o Museu Carmem Miranda e o Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial. O espaço também conta com setores e equipamentos esportivos como a marina, quadras de aeromodelismo, vôlei, basquete, tênis e campos de futebol *society*, além de campos com gramado sintético e outros a que nos referiremos em vários trechos deste artigo.

Um dos usos mais tradicionais e requisitados é o jogo de futebol, as chamadas “peladas”, em suas disputadas quadras, incluindo a crescente presença de times de futebol feminino. Segundo Almeida⁵ desde a inauguração em 1965 criou-se uma identificação entre o Aterro e

(engenheira), Luiz Emygdio de Mello Filho (botânico), Magú Costa Ribeiro e Flávio de Britto Pereira (assessoria em botânica); Ethel Bauzer Medeiros (especialista em recreação), Alexandre Wollner (programação visual), Roberto Burle Marx e Arquitetos Associados: Fernando Tábora, John Stoddart, Júlio César Pessolani e Mauricio Monte (paisagistas), Sérgio Rodrigues e Silva e Mário Ferreira Sophia (desenhistas), Fernanda Abrantes Pinheiro (secretária), Ressalta-se também a importância dos trabalhos do Laboratório de Hidráulica de Lisboa (estudos hidráulicos), de Richard Kelly (iluminação) e do urbanista Hélio Modesto, que segundo Bertha Leitchik, “não era membro do grupo propriamente dito, porém, fazia a ligação entre o grupo e o restante da administração estadual” (Oliveira, Ana Rosa; 2006).

⁴ O Rio de Janeiro: O Portal da Cidade Maravilhosa - Bairro do Flamengo.

<<http://www.oriodejaneiro.com/flamengo-htm/>>.

⁵ Almeida, Ana Letícia C., 2012.

os peladeiros – nome dado aqueles e àquelas que praticam o futebol a título de lazer. “As quadras do Aterro do Flamengo são bastante disputadas pelos peladeiros, especialmente por serem gratuitas [...]. Não é fácil conseguir horário nos campos de lá, especialmente à noite, às 19 horas, após o fim da jornada de trabalho”.⁶

Assim, de acordo com seus equipamentos e funções salienta-se que a importância do Parque Brigadeiro Eduardo Gomes se dá principalmente pelo fato de compor espaços de cultura, esportes e lazer: teatro de marionetes, aeromodelismo e modelismo naval, ciclovias, playground, a praia do Flamengo, trilhas para caminhadas, uma pista de *skate*, parquinho para as crianças e áreas para jogos e estar. Bicicletários e áreas para estacionamento também podem ser encontrados dentro do Parque. Conta ainda com anfiteatro, ciclovia, pista para caminhadas, aparelhos de ginástica e sanitários feminino e masculino. O local é bem sinalizado e conta com placas ecológicas educativas.

Da teoria à prática. Da racionalidade do projeto à dialética e paradoxos da apropriação do uso

Com seus 1.200.000 m² de área verde à beira-mar, o Aterro do Flamengo abriga um dos mais belos e importantes projetos de Roberto Burle Marx, estando até hoje o setor paisagístico relacionado ao escritório de consultoria de sua equipe. Antigo projeto do Plano Agache⁷, o Parque do Flamengo foi o ícone das transformações do espaço carioca em pleno processo de perda da condição de capital do Brasil nos anos 60.

Segundo Capel⁸, a partir dos anos 1930 inicia-se na Europa uma série de intervenções reconhecidas como urbanismo racionalista caracterizado por edificações sobre espaços abertos ao redor de espaços verdes e apelo paisagístico. A esta influência europeia soma-se o advento do modernismo brasileiro no desenrolar de heranças e influências. Entre elas, vale citar a presença no Rio de Janeiro do arquiteto suíço-francês Le Corbusier para a elaboração dos projetos do Ministério da Educação e Saúde e da Cidade Universitária do Rio de Janeiro. Em seu grupo de trabalho estavam Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Jorge Moreira, além de Affonso Eduardo Reidy, este o futuro responsável pela equipe do projeto de construção do Aterro e Parque do Flamengo. Já em 1930, Reidy foi estagiário do urbanista francês Donat Alfred Agache (1875-1934), responsável pela elaboração do Plano Diretor da cidade do Rio de Janeiro e responsável pelos primórdios dos projetos urbanísticos do aterro e futuro Parque do Flamengo.

Além de um projeto de engenharia de trânsito necessário para o melhor fluxo de veículos e facilitação viária entre a área central e a zona sul, o Aterro do Flamengo incorporou uma série de subprojetos que integrou sofisticado tratamento paisagístico a um espaço urbano de multiusos relacionados às atividades de lazer, cultura e esportes.

Logo após sua inauguração, o governo Carlos Lacerda (1960-1965) solicitou e obteve o tombamento federal do Parque, buscando assim consolidá-lo ao longo do tempo como um dos maiores espaços públicos da região metropolitana do Rio de Janeiro.

⁶ Almeida, p. 98.

⁷ Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. <<http://planourbano.rio.rj.gov.br/>>.

⁸ Capel, Horacio 2013.

Segundo Lefebvre⁹, o espaço não se constitui num ente inerte ou simples receptáculo de objetos e ações. O Aterro do Flamengo é um objeto empírico capaz de representar as três premissas de Lefebvre sobre o espaço: sendo a primeira aquela em que a produção do espaço é uma concepção do Estado e da tecnocracia para atender as representações estatais e as demandas do capital. A segunda constituir-se no espaço percebido por seus habitantes através de símbolos, imagens e mútua convivência. Desta interação surgem o sentido e o significado da cidade para seus moradores e, por último, o espaço enquanto espaço vivido por cada cidadão que o habita e nele transita, ou seja, quando de fato usa os espaços da cidade, onde age, reage, cria. Assim, o Aterro do Flamengo é um exemplo de como as pessoas compreendem e interpretam a cidade a partir do contexto e intencionalidade de sua construção pelo Estado e urbanistas.

Aos domingos, o Parque do Flamengo é franqueado exclusivamente aos pedestres para uso de lazer, quando para lá acorrem pessoas de todas as classes sociais a fim de desfrutar de museus, jardins, monumentos, praia, caminhadas, quadras de esporte, marina, shows, restaurantes, passeios e piqueniques. Enfim, uma gama de atividades ao ar livre, incluindo atividades noturnas em seus espaços construídos, onde ocorrem eventos de importância da agenda cultural e de negócios da cidade.

O sucesso do uso público do Aterro do Flamengo produziu recentemente propostas de uso exclusivo num movimento de privatização de parte de seu espaço, mais precisamente na Marina da Glória. Este processo pode ser entendido como uma contradição dialética, onde do consumo público emerge uma proposta particular e particularizada de consumo privado para atender a certo segmento de classe e que resulta em apropriações e modos de uso específicos de uma parcela do consumidor que reinterpreta, redefine e transformam as imagens e símbolos que o rodeiam em mercadorias e prestação de serviços pagos. Não sem que haja um movimento popular contrário a este processo.

Inserir este objeto de estudo — o Parque do Flamengo — numa escala mais ampla significa relacionar as questões da contemporaneidade urbana, contexto atual que segundo Capel¹⁰ remete à morfologia urbana como reflexo da complexidade histórica e funcional das cidades atuais. Nesta realidade pode-se afirmar a capacidade difusora funcional e espacial dos espaços coletivos e públicos, que, ao mesmo tempo em que sofrem uma forte pressão pela mercantilização dos espaços, se inserem concomitantemente numa contraposição: o resistir da ação sobre o ser e estar no espaço para o desenrolar de atividades de uso diverso e, principalmente do lazer. Na atualidade recente se conjugam ações de manifestação e revolta.

Nesse contexto embaraçam-se as questões de opressão policial, em especial nas cidades latino-americanas, em presença de uma realidade de forte desigualdade de renda e da acessibilidade às tecnologias midiáticas.

“cidades latino-americanas são exemplos da dicotomia do mundo atual: a pequena parcela dos ‘incluídos’ – sujeitos de toda a sorte que moram nos bairros de melhor infraestrutura, possui a melhor renda e, por conseguinte, melhor poder aquisitivo e de consumo, se deslocam com veículos próprios e possuem as facilidades de acesso ao mundo da informação (via celular, internet, TV a cabo, etc.) – dividem o espaço com o mar de ‘excluídos’ de todo o sistema, vivendo a parte da sociedade e a mercê da sorte. E isto se configura de forma muito clara na constituição espacial de nossas cidades, quando a democracia urbana, ou seja, a existência de espaços públicos é pequena e seu uso é bem tímido, e às

⁹ Lefebvre, Henri 2000.

¹⁰ Capel, 2013.

vezes elitizada. A exceção fica para as praias, espaços públicos naturais aonde à mistura das ‘castas’ ainda é tolerada.”¹¹

O desafio posto envolve uma série de questões presentes em nosso caso empírico: o Aterro do Flamengo, sua localização numa metrópole sul-americana, o urbanismo atual e a produção de espaço público, o contexto do neoliberalismo sobre o espaço público, o acesso às tecnologias midiáticas e, em contrapartida, a permanência e resistência contemporânea do uso do espaço público para lazer, esporte, recreação e cultura.

Este trabalho pretende demonstrar a importância de um espaço público de lazer, em que o projeto urbanístico aliou interesses diversos ao implantar equipamentos que consolidaram a apropriação de um espaço multiuso para diversas funções urbanísticas e o consumo de diferentes grupos sociais urbanos. Em contraponto: os efeitos e consequências do processo de privatização da Marina da Glória envolvendo a ação empresarial, o impacto ambiental, a reação popular e a ambiguidade do Estado frente aos projetos empresariais para uso e ocupação da Marina.

A resposta num primeiro momento estaria na produção da renda de localização. Mas também na crise do Estado atual que redireciona seus interesses a outros projetos urbanísticos e “abandona” equipamentos de uso público. Portanto, combinando extração de renda de localização e redirecionamento dos investimentos públicos que franqueia estes lugares ao capital privado e/ou à parceria público-privada, temos um conflito entre os espaços públicos e privados e o exercício da cidadania segundo o acesso livre ou privado dos equipamentos e espaços públicos.

A Relevância do Parque do Flamengo como Espaço Público

A Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro é o lugar para o qual foram paulatinamente se direcionando novos investimentos já no final do século XIX. Fernandes¹² relaciona esta ação aos interesses entre a companhia de bondes e proprietários de terras. Em 1892 foi inaugurado o túnel Alaor Prata, mais conhecido como Túnel Velho, ligando Botafogo a Copacabana. Este túnel é tido como marco da expansão e ocupação de Copacabana e mais tarde dos bairros de Ipanema e Leblon.

Já nos anos 1950 o sucesso imobiliário da Zona Sul e a consolidação de suas praias como atrativo de recreação especulação imobiliária e turismo adensam o uso e a ocupação dos bairros desta área do Rio de Janeiro. Urge uma nova alternativa à malha de trânsito na conexão da Zona Sul ao centro do Rio de Janeiro e é nesse contexto que surge o projeto do aterro da praia do Flamengo. É importante sublinhar que a alternativa proposta do *park-way* já instala a criação de um espaço paisagístico, de lazer e recreação. A partir desse fato salientamos a produção de um espaço público adjacente a uma solução de tráfego.

O presente trabalho considera o sentido geográfico de espaço público, tal qual arroga Gomes¹³ a partir da perspectiva de análise sobre o entendimento de um espaço geográfico onde se está afeito uma dada organização espacial e sobre o qual se orientam formas específicas a este ordenamento de uso, ocupação e expressão cidadã.

¹¹ Dias, Fabiano 2005. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>>.

¹² Fernandes, Nelson da Nobrega 2011.

¹³ Gomes, Paulo Cesar C. 2012.

Mas passados 50 anos é o Parque do Flamengo o resultado deste contexto histórico-urbanístico? Enquanto parque urbano se mantém como espaço público? É o espaço público de todos e para todos?

A propósito, Remedi¹⁴ nos alerta sobre a contemporaneidade do ser e estar no espaço público, em especial nas cidades latino-americanas. Relacionando ao que o autor considera um “assalto” ao espaço público consolidado, aqui se destacam por coerência ao objeto empírico analisado na cidade do Rio de Janeiro e a sua conseqüente vulnerabilidade na condição pública do espaço: o agravamento da desigualdade, da marginalidade e a polarização espacial; o impacto da marginalidade sobre a cidade; a militarização/policiamento do espaço público; a consolidação do “bairro mundo” ou da “casa-mundo” reforçados por uma concepção classista e individualista do mundo; o esvaziamento, abandono e deterioração da infraestrutura dos espaços públicos tradicionais; a emergência de “pseudo-espaços públicos” em detrimento de espaços públicos reais (supermercados, templos religiosos, shoppings etc.); a substituição das relações sociais e pessoais “cara a cara” dos meios massivos de comunicação e dos espaços sociais virtuais; o papel que vêm assumindo os grandes grupos econômicos na indústria cultural em geral – na educação, na indústria e editoria de livros e gravadoras, nos esportes, no financiamento da arte, no turismo e nos transportes.

No caso brasileiro e, mais especificamente, no Rio de Janeiro a partir do final da década de 80, considera-se este processo ainda em evolução. A contemporaneidade deste contexto gera uma tendência de refuncionalização dos espaços públicos, em que a presença da iniciativa privada torna-se cada vez mais ativa. No entanto, o histórico recente do Parque do Flamengo nos apresenta uma realidade extremamente complexa: mudanças, consolidação e rebeldia configuram uma realidade socioespacial na qual se embate a consciência e a práxis do valor de uso do espaço, a leniência do Estado e o empreendedorismo arrogante da iniciativa privada.

Entre a vitimização e a rebeldia do/no espaço público: é o espaço público de todo o mundo? A bibliografia sobre o assunto nos diz que é impossível pensar em espaço público sem considerá-lo uma expressão e uma dimensão da esfera pública e que se inscreve sob a égide da democracia calcada no exercício da cidadania e da condição cidadã.

Por oposição a esfera privada, o espaço público é o espaço da coletividade e das instituições públicas de Estado que exercem a função de tratar e regular o aparato político e a prestação de serviço, cujo auge se encontra no Estado de bem-estar social. De maneira geral, trata-se de um conceito com forte presença no contexto popular e coloquial. Não há quem não entenda o sentido mais genérico de espaço público. Nesse sentido, agregam-se o coletivo, a livre acessibilidade, a reunião, o compartilhamento, a multiplicidade de usos, dentre outros sentidos de livre acesso de todos.

Impossível não relacionar esse conceito à cidade e a condição urbana, por ser a cidade tratada historicamente de uma forma geográfica de aglomeração populacional, em que, desde tempos remotos, diferentes classes sociais nela transitarem e organizarem seus espaços, territorializando diferentes formas de uso e ocupação.

Assim, a morfologia urbana das cidades é o arranjo espacial de seu contexto histórico, contendo heranças e constantes e contínuas intervenções ao passo da história. Sob a égide das classes dominantes e das frações capitalistas que comandam a economia impõem-se

¹⁴ Remedi, Gustavo 2005.

continuamente novas formas de uso e ocupação que, junto às diferentes intervenções urbanísticas, inscrevem no espaço público diferentes formas e funções. Tais intervenções não são isentas de conflitos ou de novas posturas e hábitos que se impõem e que espelham a pressão demográfica, as frações de poder e o contexto socioeconômico de cada momento ou conjuntura histórica.

Por isso, o conceito de espaço público não é possível de ser pensado sem um contexto histórico, o que por consequência revela mudanças na concepção dessa condição e dessa expressão. Daí que as diferentes geografias das cidades em cada momento histórico e modos de produção configuraram um diverso conceito de espaço público advindo da organização interna das cidades e da funcionalidade do espaço de convivência coletiva.

Em tempos de economia globalizada e de uma sociedade de controle vemos no mundo ocidental duas condições diferenciadas: uma, diz respeito às sociedades em crise política ou econômica somadas àquelas em que imperam as grandes desigualdades sociais. A outra, se refere aos países que não são tão desiguais ou não estão tanto no centro da crise, aqueles localizados no centro dinâmico do sistema capitalista ocidental, mas na atualidade impactados pela crise estrutural, o mundo midiático e as novas ações de controle e vigilância.

Sobre esse contexto atual nos fala David Harvey no artigo *O Espaço como Palavra Chave*¹⁵, no qual analisa que na complexidade do conceito do espaço emergem as concepções de espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional, sendo, portanto, o espaço geográfico uma realidade física e concreta, um espaço que contém fluxos e movimentos e aquele no qual se desenvolve um mundo de relações sociais, econômicas e políticas, em que o indivíduos e grupos sociais são sujeitos e objetos de ação e reação. Paralelamente ao estudo apresentado, o autor ressalta que não é possível separar tais conceitos do espaço-temporalidade do processo de acumulação capitalista do mercado mundial.

Harvey¹⁶ conclui relacionando a presença de ações sociais e políticas – tempo absoluto, sobre o espaço absoluto da cidade, aqui exemplificado e representado sobre o espaço público. Citando Mitchell (2003:129-35), Harvey¹⁷ sublinha ainda ser no espaço público onde as organizações políticas podem se manifestar e ter visibilidade, assim como conchamar a participação cidadã e assim tornarem os próprios grupos sociais públicos. Desta forma é o espaço público uma expressão dos diferentes conceitos de espaço ao mesmo tempo em que revela as múltiplas determinações que envolvem o conceito de espaço geográfico.

Em *La Noción de Espacio Público y La Configuración de La Ciudad: fundamentos para los relatos de perdida, civilidad y disputa*¹⁸, Berroeta Torres e Vidal Moranta, seguindo a problematização apresentado por Harvey e baseados numa extensa bibliografia, assinalam que é o espaço público construído sob a dupla dimensão: política e urbana. Abordam uma análise espaço-temporal da cidade e das dimensões do que em cada momento possa ser considerado como espaço público em contraposição ao espaço privado e apresentam **três** versões para a noção de espaço público: a versão clássica, a versão moderna e a versão contemporânea.

Na versão clássica, com referência ao mundo grego e as cidades medievais, os autores assinalam as diferenças de organização dos espaços da cidade, a contraposição entre a Ágora e o emuralhamento medieval, em que as diferenças em relação à morfologia urbana se dão em

¹⁵ Harvey, David 2006.

¹⁶ Harvey, 2006

¹⁷ Harvey, 2006

¹⁸ Berroeta Torres e Vidal Moranta, 2012.

função de não haver na cidade medieval um marco arquitetônico que separe o espaço público do espaço privado.

A versão moderna do espaço público nasce da ilustração apoiada na lógica da razão, em que emerge o conceito de esfera pública baseada no exercício de uma democracia deliberativa, na divulgação do conhecimento e dos meios de comunicação. Este cenário caracteriza a esfera pública como burguesa liberal e democrática.¹⁹ Vale destacar que ao mesmo tempo se consolidam a esfera pública e privada e um aparato institucional — o poder público com autoridade para regular ou intrometer-se na sociedade civil, ao mesmo tempo em que esta também seja o lócus de uma publicidade crítica ao aparato estatal e suas formas de organização.

Na contemporaneidade em função da inserção do urbano em um espaço muito mais amplo, incluindo o espraiamento da morfologia da cidade e a incorporação ao modo de vida urbano, mesmo nas áreas rurais, o espaço público torna-se mais difuso e complexo.

Somam-se a isso o desenvolvimento acelerado das tecnologias e a expansão do capitalismo neoliberal, surgindo daí um novo espaço público, em que a cidade é palco as estratégias de mercado associadas a estéticas globais e que homogeneizam o espaço urbano e seu entorno. Este espaço é mediático e o que o qualifica são os suportes de comunicação que avançam sobre um contingente de receptores o mais amplo possível para além de fronteira e limites no espaço. As consequências desse contexto remetem ao controle da opinião pública baseada em pesquisas e inquéritos, cuja finalidade é a manipulação política e empresarial que condicionam e selecionam os assuntos e temas que serão publicizados ou não.

Aqueles autores²⁰ se centram no espaço público urbano para destacar os novos desafios da contemporaneidade, que estão relacionados à dissolução e à privatização da cidade, à hipervigilância sobre os lugares e usuários e ao controle espacial. Assim, o que os autores denominam de espaço público perdido é um conjunto de processos que remetem a formas de privatização e controle do espaço público. Uma contraposição é dada pela manutenção da funcionalidade histórica do espaço urbano enquanto o de ser o espaço da construção da civilidade, isto é, o espaço principal do urbanismo, da cultura urbana e da cidadania. Aqui os autores diferenciam a tradição norte americana e a europeia. A tradição norte-americana: tradição de vida de bairro, associações privadas e dependência aos meios de comunicação; a europeia: o estar no espaço da cidade é ainda uma forma de manter o espaço que a sociedade civil produz e ao mesmo tempo reivindica e que se exemplifica pela revalorização da cidade histórica, a defesa dos espaços públicos tradicionais e a integração do urbanismo e da arquitetura.

Ambas as concepções, norte-americana e europeia “atribuyen al espacio público una capacidad para estimular el comercio y para mejorar las condiciones de vida de los habitantes de clase media integrada en la ciudad; plantean la necesidad de incorporar las demandas y necesidades de los propios usuarios, con estrategias participativas que incorporan a los ciudadanos en la construcción de la ciudad.”²¹ Porém, ressaltam o fato de numa sociedade de classes o espaço público não poder ser igualitário, completamente acessível e harmônico. Devido a tudo isso é que os autores em questão caracterizam como espaço público o espaço de controle e disputa.

¹⁹ Habermas, Jürgen 2003

²⁰ Berroeta Torres e Vidal Moranta, 2012

²¹ Berroeta Torres e Vidal Moranta, 2012, p.11.

Ainda em relação aos autores²², deve-se dizer que eles assinalam que atualmente os grupos dominantes estão sendo capazes de manter o discurso de ser o espaço público de todos, mas que na prática incluem medidas e procedimentos de exclusão ao uso de certos espaços por parte de todos. Esse contexto gera o que classificam de conflitos brandos – aqueles que derivam da diversidade social e que se produzem entre usuários em igualdade de condições e direito a cidade e os conflitos duros, em que há uma assimetria entre os direitos à cidade, em que são questionados a qualidade democrática do espaço público, os limites da cidadania e os processos políticos de exclusão social que operam sobre o território.

Berroeta e Moranta²³ concluem assinalando o desafio de compreender o papel e o direito ao espaço público diante de uma realidade nova da cidade contemporânea ancorada da extrema mobilidade da força de trabalho, o que se concretiza na presença de trabalhadores migrantes e imigrantes que configuram um jogo permanente de tensão que revela uma separação entre atores políticos e grupos de poder e cidadãos comuns. O exercício de estar no espaço público é cada vez mais seletivo. A contrapartida é tentar compreender as recentes manifestações nas ruas de várias cidades do mundo que utilizam suportes de comunicação eletrônica e que incluem um novo sentido à relação entre a dimensão comunicativa e sua relação com o espaço público urbano.

O Parque do Flamengo, seu passado e presente revelam o paradoxo e a contradição contemporânea presentes nos espaços públicos das cidades, em especial das cidades latino-americanas, onde as desigualdades sociais são intrínsecas à sociedade de forma geral, mas cujas expressões da luta de classes se revelam mais didaticamente no plano urbano local.

O Contexto de Construção do Aterro do Flamengo

O século XX marcou o início de intensas intervenções urbanísticas nas cidades do continente americano. Em especial o Rio de Janeiro, capital do Brasil, foi palco de uma série de novas construções e remodelações no seu espaço urbano. O afrancesamento burguês se impôs sobre as áreas funcionalmente mais importantes e novos investimentos imobiliários modernizavam novas áreas da cidade, enquanto o crescimento industrial e as migrações suburbanizavam a cidade e se iniciava a articulação territorial da formação da atual região metropolitana.

O processo territorial que sucedeu está inserto nas mudanças funcionais urbanas necessárias ao ordenamento espacial fordista. A praça mercantil e industrial que representava o Rio de Janeiro e sua importância política legaria à cidade uma série de projetos urbanísticos que iriam modelando a funcionalidade urbana aos interesses dos capitais investidos na construção do espaço metropolitano.

Ademais, é preciso relevar a geografia da cidade e a forma de valorização simbólica de seus espaços referenciados numa combinação de elementos ambientais e novas formas de uso. As belezas naturais e novos espaços de lazer e cultura na cidade conduziram o vetor de investimentos no espaço urbano, para os espaços cênicos da natureza, gerando uma intensa valorização imobiliária.

Com uma geografia muito peculiar o Rio de Janeiro e seu sítio foram palcos de uma série de intervenções ambientalmente desastrosas em nome da expansão da cidade, de sua maior

²² Berroeta & Moranta, 2012

²³ Berroeta & Moranta, 2012

funcionalidade e da valorização simbólica de capital do país. Ademais, a cidade capitalizava sua importância cultural aliada à condição de maior destino turístico interno e estrangeiro do Brasil.

Em 1946, a restauração da democracia política engendrou a maior participação dos segmentos urbanos e seus projetos no cenário da cidade. Havia, portanto, necessidade para grandes intervenções urbanísticas na cidade e, por sua vez, as limitações ambientais e físicas foram sendo paulatinamente vencidas pela tecnologia e pela realização de lucros dos investimentos públicos e privados que caminharam ao longo da primeira metade do século XX em direção à Zona Sul da cidade.

O Aterro do Flamengo localiza-se entre o centro da cidade e a faixa de solo criado sobre a linha de praia paralela aos bairros da Glória, Flamengo e Botafogo, interconectando-se com Copacabana através de túnel sob o morro do Pasmado e o Túnel Novo. Num primeiro momento o aterro justificava-se pela necessidade funcional de se criar um corredor de tráfego entre o centro da cidade e a Zona Sul, como alternativa ao fluxo que corria pelo interior dos bairros com vias antigas e traçado que já não atendia à demanda de fluxo viário do movimento cotidiano (figura 3).



Figura 3. Fotografia do início da construção dos equipamentos no Parque do Flamengo

Fonte: Acervo o Globo²⁴

Já havia sido feito um antigo aterro, oriundo do desmonte do Morro do Castelo na base sul, que atendia a expansão da área central da cidade renovada no período Vargas, conhecido como Esplanada do Castelo e Avenida Beira Mar (figura 4), que por sua vez agregavam-se as remodelações do período pré-Vargas na antiga enseada da Glória e que deu origem a Praça Paris.

O aterro, que paulatinamente ia crescendo ao sul da Esplanada do Castelo, serviu de palco para as comemorações em 1955 do Congresso Eucarístico e abrigou a construção do então Museu de Arte Moderna, que logo seria integrado ao projeto do Parque do Flamengo. Projeto do arquiteto carioca Affonso Eduardo Reidy (1909-1964) é apresentado em sua concepção como tendo sido: “Pensado para dialogar com a paisagem – a horizontalidade da composição para fazer frente ao perfil dos morros cariocas –, as fachadas envidraçadas, trazendo para o interior o paisagismo de Burle Marx. O projeto de Reidy apresenta-se racionalista e plástico a

²⁴ Acervo O Globo. <http://acervo.oglobo.globo.com/incoming/8934657-ee4-f32/materia/1998-020015-_19980521.jpg>.

um só tempo. Não há distância entre a estrutura e a aparência final. Os vãos livres têm um fim prático: a liberdade de composição oferecida ao espaço expositivo, o convite ao jardim no plano térreo. Do cuidado com o concreto aparente à escolha dos granitos e pedras portuguesas, o projeto ganha o parque.”²⁵



Figura 4. Fotografia da antiga linha da praia do Flamengo

Fonte: Fotojornalismo histórico²⁶

As obras do MAM se iniciaram em 1953 e foram finalizadas em 1967. De concepção modernista, o prédio do MAM, se integra ao projeto paisagístico do parque. Os jardins que circundam o edifício, bem como o terraço-jardim situado na cobertura do bloco-escola foram concebidos e projetados por Burle Marx.

Em seguida, um novo projeto se instala sobre o aterro que avançava: o monumento aos Pracinhas da Segunda Guerra Mundial teve sua construção iniciada por ingerência do Marechal Mascarenhas de Moraes, em 24 de junho de 1957, terminando exatamente três anos depois e sendo inaugurado a 05 de agosto de 1960. O monumento está situado numa praça ajardinada, com 10 mil metros quadrados (Praça Pistóia) e é constituído de três planos: subsolo, patamar e plataforma. No subsolo, com 1.600m², estão localizados o Mausoléu, a Administração e os Alojamentos da Guarda. Esse monumento é guardado pelas três Forças Armadas, que se revezam às 12h00minh do dia primeiro de cada mês, numa cerimônia de “rendição da guarda”, que se incorporou ao calendário cívico e turístico da cidade.

É possível que a ideia inicial não tivesse contemplado a construção de um parque urbano, a história de incorporação da área construída do Aterro do Flamengo indica que a decisão por estabelecer uma finalização da obra recaiu, então, pela construção da área de lazer. É provável que experiência bem-sucedida da construção do Parque do Ibirapuera em São Paulo tenha influenciado à decisão final.

Anteriormente, em 1954, na comemoração do quarto centenário de São Paulo, fora inaugurado o parque do Ibirapuera, também planejado sob concepção modernista. Seu projeto foi entregue a Oscar Niemeyer. Otávio Augusto Teixeira Mendes foi responsável pelo desenho florestal urbano e o tratamento paisagístico esteve sob a coordenação de Burle Marx.

²⁵ People power. <<http://www.ppow.com.br/2011/06/25/mam-rio-de-janeiro/>>.

²⁶ Rio de Janeiro: Fotojornalismo histórico. <<http://riodejaneirofotosantigas.blogspot.com.br/>>.

Prodam, local que na época tinha como finalidade abrigar a representação das várias unidades da Federação; o ‘Palácio da Agricultura’ – atual sede do DETRAN – que foi construído inicialmente para abrigar a Secretaria da Agricultura; e a Grande Marquise – local onde está situado o MAM. Isso sem contar com o Ginásio de Esportes, o Velódromo (o primeiro existente no país) e o conjunto de lagos.”²⁹

O Parque do Ibirapuera, pela sua localização ao lado de áreas habitadas pelas elites – os bairros Jardim América e Jardim Paulista -, o significado simbólico que lhe foi atribuído, sua centralidade e acesso transformaram-no em principal parque da cidade. Atualmente o parque é capaz de atrair milhares de usuários todos os dias, tanto para caminhar e correr, como para o descanso, para assistir aos shows ao ar livre e **ver** as exposições (figura 5).³⁰

Sem dúvida, a concepção do Ibirapuera influencia a proposta de criação do Parque do Flamengo, embora muitas diferenças marquem o contexto político e geográfico da forma de inserção urbana de ambos os projetos.

Ao longo dos anos cinquenta, o Rio de Janeiro, além de perder a supremacia na posição demográfica das cidades brasileira perde, também, a posição de capital do Brasil. A construção e consolidação da imagem das principais cidades brasileiras abriram espaço para o investimento em obras urbanas e para a consolidação da arquitetura modernista brasileira, caso exemplar da nova capital, Brasília, inaugurada em 1960.



Figura 6. Fotografia do conjunto arquitetônico da Pampulha

Fonte: Photobucket.com³¹

Já Belo Horizonte, cidade planejada e inaugurada em 1897, abriga nos anos 40 experiências de vulto oriundo do movimento modernista brasileiro, em que o conjunto da Pampulha³² constitui o maior referente desse processo. A Pampulha é um projeto arquitetônico-paisagístico projetado por Oscar Niemeyer (figura 6). A intensificação do ideário nacionalista e modernista se institucionaliza na criação do Instituto do Patrimônio Histórico em 1937, onde foi possível combinar uma série de procedimentos legais para o tombamento do

²⁹ Ibid.

³⁰ Macedo, S.S Sakata, F.G 2002.

³¹ Photobucket. <<http://i271.photobucket.com/albums/jj149/JPBrazil/PARQUE.jpg>>.

³² O governo municipal de Juscelino Kubitschek foi capaz de montar um projeto urbano de desenvolvimento baseado nas ideias modernistas e que redundaram em obras que projetaram internacionalmente o nome da cidade. A mais importante delas foi o Complexo Arquitetônico da Pampulha inaugurado em 1943. Desenhado pelo, então, jovem arquiteto Oscar Niemeyer, o complexo era formado por quatro obras principais a Igreja de São Francisco de Assis, a Casa do Baile, o Cassino e o Iate Golf Clube instaladas às margens de uma lagoa artificial, transformando a Pampulha num dos maiores exemplos da arquitetura modernista brasileira.

patrimônio histórico, preferencialmente representativo do colonial brasileiro, inovar na criação dos primeiros parques nacionais e fomentar a concepção nacionalista modernista, incluídos seus próceres no quadro de pessoal da instituição.

Em relação aos parques urbanos consolidava-se o modelo de convivência veículo-pedestre e da ênfase na recreação e no lazer coletivo. A Arquitetura paisagística se torna, então, funcionalista, com a determinação de áreas equipadas especialmente para o lazer, recreativo ou esportivo, nacionalista com o abandono do uso da vegetação, anódina e com ênfase na tropicalidade do país: simples, com a “proibição” do uso de elementos decorativos do passado – pitorescos e temáticos – sendo execradas as cenarizações, as topiárias e qualquer lembrança do Ecletismo recente: geométrica – com o uso e abuso das formas geométricas simples, inspiradas nas temáticas da pintura da época, na qual Burle Marx foi o mestre inspirador nacional – e colorido – com a introdução do uso intenso de pisos multicores.³³

Como veremos a seguir o projeto do Parque do Flamengo contempla elementos que expressam estas determinações do estilo da época, bem como se tornou um dos símbolos mais destacados do novo governo da Guanabara³⁴, enquanto marco dos novos destinos da cidade, que deixara de ser capital, emergia como um novo ente federado.

A partir de 1960, sob o comando político de Carlos Lacerda, ferrenho opositor do getulismo e que numa estratégia política individualista baseada em forte discurso sobre as necessidades básicas da cidade, surge um estilo em que Lacerda amalgamou o seu particularismo com a imagem e a posição de exceção e destaque da cidade do Rio de Janeiro no cenário federativo brasileiro. No seu governo, a cidade foi palco de um plano urbanístico encomendado à firma grega *Doxiadis Associates*, plano este altamente técnico e apoiado numa concepção desenvolvimentista, intencionalmente concebido para ser referência na arquitetura internacional e que propunha preferencialmente

“preparar a cidade do Rio de Janeiro até o ano 2000, uma espécie de plano diretor que examina a situação da cidade, faz projeções e a compara a um modelo ideal que, no seu caso, é funcional e definido em comunidades hierarquizadas, visando à descentralização de funções.”³⁵

Em 4 de outubro de 1961, pelo decreto estadual nº. 607, o governador Carlos Lacerda assina a proposta de projeto paisagístico do imenso aterro vazio existente entre a Glória e Botafogo, argumentando que as obras de urbanização constituíam empreendimento de relevância para a cidade e que à importância social da obra se somava a necessidade de uma apresentação paisagística adequada, “exigindo do poder público cuidado especial para que possa ser executada uma obra do mais alto padrão arquitetônico, dentro dos mais modernos requisitos...”³⁶

A equipe de trabalho foi presidida por Carlota de Macedo Soares e incluía o arquiteto Affonso Eduardo Reidy. Contava a equipe com arquitetos, botânicos e engenheiros, um assessor de urbanismo e outro de recreação. A execução do projeto foi confiada à

³³ Macedo e Sakata, 2002, p. 3.

³⁴ Quando da inauguração da nova capital do Brasil – Brasília, o perímetro do ex-distrito federal Rio de Janeiro passou a constituir um novo ente federativo no país – o estado da Guanabara pela Lei Nº 3 752, de 14 de abril de 1960 (Lei San Tiago Dantas).

³⁵ Rezende, Vera 1982, p. 54.

³⁶ Decreto Estadual, 1961.

Superintendência de Urbanização e Saneamento do Estado da Guanabara (SURSAN)³⁷, em que estava atrelada funcionalmente toda a equipe de trabalho.

Da concepção do Parque do Flamengo ao Aterro dos nossos dias

No século XX surgiu e consolidou-se o modelo fordista de produção e taylorista de administração no mundo do trabalho. Mais consumo e mais tempo livre introduziram um novo temário preferencial para a gestão urbana: o lazer, o esporte e a recreação. Havia, também, uma preocupação com a salubridade e a busca de uma pedagogia referente às mudanças entre o mundo rural e os novos comportamentos necessários ao mundo do trabalho e ao convívio social urbanos.

Pesquisando a questão dos parques no desenho urbano dos EUA, Magnoli³⁸ afirma que a partir dos anos 30 a recreação passa a ser função do poder municipal. É quando passam a serem programados eventos esportivos de massa, o que demandou a construção de grandes equipamentos urbanos voltados para o esporte e lazer como estádios, grandes piscinas, quadras, arquibancadas e painéis de jogos e esportes.

É massiva a participação cidadã na recreação considerada ativa. Com a evolução dessa forma de lazer, as propostas refinaram-se para os deficientes físicos, para os idosos, os cegos, para os aposentados.

A padronização se estende em todos os locais, em toda nação, em todas as propostas. Nas crises da Depressão e da Segunda Guerra Mundial esses parques assumiam boa parte da sustentação moral oferecida pelos órgãos federais, como demonstração de progresso, liberdade e democracia. O grande aumento da classe média profissional e de uma classe que se sente participante dos grupos decisórios, uma classe nova entre os proprietários e os trabalhadores, a administração eficiente e sua capacidade quanto aos serviços para a comunidade, são os aspectos principais que regem as questões de classe. No aspecto da urbanização, esta se estende em amplas áreas de baixa densidade, habitações uni - familiares na periferia da cidade. Entre gramados contínuos e entre edificações: procura-se um estilo de vida ligado ao rural, habitando na periferia e trabalhando na cidade.³⁹

No Brasil, introduz-se também uma visão pedagógica dos espaços públicos. Até o momento eram as antigas praças - espaços populares, destinados ao convívio social, à troca e ao comércio – onde predominavam a espontaneidade e a liberdade. Porém, os parques

³⁷ Uma equipe responsável pelo tráfego e obras (Secretaria Geral de Viação e Obras), outra pela infraestrutura: (SURSAN) e o Grupo de Trabalho criado pelo decreto estadual nº 607, de 4/10/1961, presidido por Maria Carlota de Macedo Soares. Este Grupo, segundo Enaldo Cravo Peixoto (5), era formado pelos seguintes profissionais: Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira Sérgio Bernardes, Hélio Mamede, Maria Hanna Siedlikowski, Juan Derlis Scarpellini Ortega e Carlos Werneck de Carvalho (arquitetos); Berta Leitchic (engenheira), Luiz Emygdio de Mello Filho (botânico), Magú Costa Ribeiro e Flávio de Britto Pereira (assessoria em botânica); Ethel Bauzer Medeiros (especialista em recreação), Alexandre Wollner (programação visual), Roberto Burle Marx e Arquitetos Associados: Fernando Tábor, John Stoddart, Julio César Pessolani e Mauricio Monte (paisagistas), Sérgio Rodrigues e Silva e Mário Ferreira Sophia (desenhistas), Fernanda Abrantes Pinheiro (secretária), Ressalta-se também a importância dos trabalhos do Laboratório de Hidráulica de Lisboa (estudos hidráulicos), de Richard Kelly (iluminação) e do urbanista Helio Modesto, que segundo Bertha Leitchik, “não era membro do grupo propriamente dito, porém, fazia a ligação entre o grupo e o restante da administração estadual” (Mahfuz, Edson, 2003).

³⁸ Magnoli, 1986.

³⁹ Ibid, p. 118.

começaram por estabelecer uma relação mais formal e disciplinada com os usuários, através da contemplação da natureza.

No século XX, com a valorização do lazer ao ar livre, os parques passam a ter uma relação mais interativa com seus usuários. Por outro lado, parques sempre foram lugares onde as pessoas são informadas de como se comportar devidamente em espaços públicos.⁴⁰

No caso brasileiro, os aqui citados, tanto o Ibirapuera quanto o Complexo da Pampulha e o Aterro do Flamengo, são apropriações simbólicas do Estado através da afirmação da nacionalidade inserida na concepção de modernidade. Projetos que nasceram como espaço de multiuso, onde o Estado teve e têm uma participação fundamental através de sua inscrição em projetos como monumentos e instalações oficiais.

A razão inicial do Aterro do Flamengo – atender a demanda viária interligando a área central da cidade aos bairros da Zona Sul, para onde convergia o maior espaço de valorização imobiliária e turística da cidade, vai sendo incorporado a outros projetos na medida em que se concretizava o espaço liberado do aterramento.

Assim, em relação ao aterro, alguns projetos se consolidaram bem antes da construção paisagística do parque como o Museu da Arte Moderna e o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, para finalmente o projeto do parque, em si, ser incorporado ao Plano Doxiadis do governo Carlos Lacerda, em 1961. Lacerda reservou ao local um projeto viário-paisagístico incorporando, então, funcionalidade urbana e espaços de recreação, esporte e lazer, justificados pela constatação que o crescimento da cidade, pelo aumento da disputa pelo espaço e sua conseqüente valorização, geraram, assim, uma maior necessidade de espaços públicos como praças, parques e centros comunitários.

Segundo Medeiros⁴¹, na construção do aterro o material necessário originou-se do desmonte do Morro de Santo Antônio, levando oito anos para finalizar a intervenção, em 1962. Ali, posteriormente, foi aberta uma pequena esplanada e urbanizada pelo eixo da Avenida Chile, onde atualmente encontram-se grandes plantas de edifícios que desde os anos 70 localizam os prédios de antigas estatais brasileiras como Petrobrás, BNH, Caixa Econômica Federal e abriga, também o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, em prédio partícula, além do espaço destinado à nova sede da catedral metropolitana da cidade. Este novo conjunto vem paulatinamente sendo incorporado às outras áreas do polígono central da cidade como a Lapa, o Passeio Público e o Largo da Carioca.

O tempo de aterramento coincidiu com uma série de mudanças na política da cidade que permitiram ao novo governo da Guanabara contar com a notoriedade e as novas capacidades técnicas da engenharia e da arquitetura do país, bem como da assessoria urbanística internacional.

O projeto atendia à compreensão da relevância de se oferecerem acomodações e instalações variadas para atividades recreativas ao ar livre em local de alta densidade demográfica (como Catete, Glória e Flamengo), o projeto ainda reunia as seguintes vantagens: facilidade de acesso para os moradores de numerosos bairros, serviço abundante de transportes coletivos, (o que permitia ser frequentado diariamente por muitas pessoas, sem que dependessem de carro

⁴⁰ Cf. Costa, 1997.

⁴¹ Medeiros, Ethel 1971.

particular ou tivessem que esperar por feriados prolongados); e a situação de próprio do Estado (além da beleza da paisagem circundante).⁴²

A equipe de trabalho foi peça fundamental na articulação das diversas funções previstas para a área, destacando-se o projeto recreativo, estabelecido a partir das necessidades das diferentes faixas etárias do público. Funcionaram primeiramente as duas pistas asfaltadas, por onde passaram a seguir linhas de ônibus que faziam o mais rápido trajeto até a Zona Sul da cidade. Dentro do parque não foi permitido a entrada de veículos, o único veículo permitido e que funcionou até recentemente foi um trenzinho, na realidade um trator a puxar quatro vagões comportando 100 passageiros sentados.

Seis passarelas e passagens subterrâneas foram construídas para transpor as pistas de automóveis, onde se localizam banheiros públicos. O projeto incluía, também, duas pistas de aerodelismo, sendo uma de dimensões oficiais (50 metros de diâmetro) e outra menor (de 40 metros); um tanque para modelismo naval (de 18m x 50m); oito campos ensaiados para peladas, sendo seis pequenos (30m x 60m) e dois grandes (80m x 40m); oito quadras cimentadas com marcação para voleibol, futebol de salão e basquetebol; uma praia artificial com 1500m. de extensão e até 45m. de largura – a atual Praia do Flamengo; um coreto para concertos ao ar livre e exibição de bandas (tendo no subsolo acomodações para uso dos artistas); uma pista de danças (ou teatro de arena) com capacidade para 800 espectadores sentados (estes dois últimos projetados por Affonso Eduardo Reidy); um teatrinho de fantoches e marionetes com acomodações para 200 pessoas sentadas e dois grandes parques de recreação cada qual com 30 mil m².



Figura 7. Vista em construção do Aterro do Flamengo

Fonte: Parque do Flamengo⁴³

O projeto paisagístico de Burle Marx (figura 7) desenhou uma parte central do parque, onde seriam plantados bosques situados em ondulações artificiais do terreno, ao longo de caminhos

⁴² Medeiros, 1971, p. 222

⁴³ Parque do Flamengo. <<http://parquedoflamengo.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-10-16T07:21:00-07:00>>.

ensaibrados seriam distribuídos espaçosos bancos de concreto, para atender aos interessados em atividades contemplativas ou de repouso, aproveitando pontos de beleza paisagística.

Para Costa⁴⁴, o Parque do Flamengo é um dos mais importantes e bem-sucedidos experimentos urbanísticos contemporâneos da cidade do Rio de Janeiro, inclusive no que diz respeito à arborização urbana. Esse legado paisagístico de Burlle Marx tem um valor inestimável do ponto de vista da experimentação. Segundo a autora foram relacionadas 31 árvores e palmeiras que foram utilizadas pela primeira vez no paisagismo, em sua maior parte alocadas no parque. Importante destacar sua ambientação, na qual as espécies contribuem para a criação de diversos ritmos e pausas na paisagem, incluindo o valor sentimental que despertam nas pessoas.



Figura 8. Vista atual do Aterro do Flamengo

Fonte: O Rio de Janeiro: O Portal da Cidade Maravilhosa – Aterro do Flamengo⁴⁵

Ao longo das décadas o projeto de arborização e ajardinamento amadurece (figura 8), o que legou às gerações atuais a possibilidade de usufruto da paisagem e de interação real com todos os tipos de espaços construídos inseridos na área. As árvores são fundamentais na estruturação do Parque do Flamengo não só em termos de projeto, mas também em termos de uso. As pessoas muitas vezes escolhem seus lugares no parque de acordo com as árvores, critérios de escolha podem variar em termos de cor, perfume, forma e estrutura da árvore e sua sombra, memórias de infância, entre muitos outros.⁴⁶

Um dos usos mais populares do parque e intensamente praticado, inclusive à noite, permitido pela rede de iluminação adequada as dimensões do parque, são os campeonatos de pelada, a partir da reserva dos campos através da distribuição de senhas. Times amadores (masculinos e femininos) e torneios de dentes de leite são as categorias mais presentes nas quadras. Há, inclusive, jogos de menor duração e com a modificação das regras, para atender aos interesses

⁴⁴ Costa, 1997.

⁴⁵ o Rio de Janeiro: o portal da cidade maravilhosa - *Aterro do Flamengo*. <<http://www.oriodejaneiro.com/aterro-do-flamengo/>>.

⁴⁶ Costa, 1997, p. 52.

de ocasião. O uso da praia é intenso ao longo de todo ano, seu raio de influência ultrapassa a dos bairros limítrofes ao parque, devido ao fato de ser a praia da orla ocidental da baía melhor equipada, apesar dos altos índices de poluição de suas águas. Atualmente, nos gramados do parque também se pratica o *Slackline* (corda bamba na livre tradução) e o *street pole dance* tanto por parte de homens como mulheres. Em torno do Museu de Arte Moderna aos domingos ocorrem festas e pic-nic em aniversários de crianças e adultos. Anualmente a comunidade japonesa e seus descendentes realizam a Festa do Japão no Pavilhão Japonês, prédio em estilo modernista inspirado na arquitetura japonesa e onde atualmente se instala a administração do Parque do Flamengo (figura 9).



Figura 9. Pavilhão Japonês

Fonte: Parque do Flamengo⁴⁷



Figura 10. Grupo de Maracatu Tambores do Olokun

Fonte: Foto da autora. Em 29/01/2017

⁴⁷ Parque do Flamengo – *Pavilhão Japonês*. <http://www.parquedoflamengo.com.br/wpi/wp-content/uploads/2015/07/festivaldojapao_11.jpg>.

Por sua vez, a comunidade de migrantes equatorianos pratica um típico esporte do país: o ecuavóley nas quadras do Parque do Flamengo. Ainda, ensaia e se apresenta nos espaços esportivos o grupo de Maracatu, Tambores do Olokun, ritmo musical e de dança do sincretismo afro-brasileiro com origem no estado de Pernambuco (figura 10).

Aos 50 anos de sua inauguração o Parque do Flamengo tem consolidado seu uso público, uso que se constituiu no tempo e no espaço de convivência de hábitos e costumes cidadãos e que incorporam e/ou abandonam novas e velhas práticas de lazer, esporte e diversão, sejam individuais ou coletivas. Como nos induz Carlos⁴⁸ “a cidade é antes de tudo uma produção social, vivida enquanto pratica sócio espacial, isto é, o sentido da cidade se ilumina a partir da sociedade enquanto sujeito produtor da cidade”. Há, portanto, um sentido de resistência e apropriação que revela a qualidade do projeto urbanístico ao mesmo tempo em que introduz a contradição deste mesmo sucesso, ser o motor de outra forma de apropriação, aquela vinculada à mercantilização e privatização do espaço. Aliado ao fato de ser um *park-way*, isto uma via expressa de ligação do centro da cidade com a Zona Sul carioca, o Aterro do Flamengo se insere no dia a dia de muitos dos moradores da cidade sendo assim um espaço de múltiplos usos e funções. Esta condição o submete a uma grande diversidade de simbologias, práticas e especulação.

Marina da Glória. Conflitos entre o público e o privado

Como espaço público consolidado e de sucesso, o Parque do Flamengo, seu ambiente e sua paisagem atraem o interesse da iniciativa privada. Assim que, ao longo dos últimos anos, novos empreendimentos foram agregados à área do parque. Estes dizem respeito à iniciativa privada que encontram espaço adequado e disponível para usos especiais e eventos de grande monta.

Na contemporaneidade do capitalismo financeiro e global, autores identificam o discurso da pseudo-morte do espaço público e/ou sua fragilidade perante o processo inexorável de mercantilização do espaço. Sob a égide das classes dominantes e das frações capitalistas que comandam a economia impõem-se continuamente novas formas de uso e ocupação que junto às diferentes intervenções urbanísticas, inscrevem no espaço público diferentes formas e funções. Tais intervenções não são isentas de conflitos ou de novas posturas e hábitos que se impõem e que espelham a pressão demográfica, as frações de poder e o contexto socioeconômico de cada momento ou conjuntura histórica.

As disputas envolvendo a privatização de espaços no Parque do Flamengo não suscitam sociabilidade pública, mas usos exclusivos e elitizados que concorrem para veicular o Parque do Flamengo na mídia e agregam potencial turístico para a área. O principal constitui-se no projeto da Marina da Glória – multiespaço: náutico com estrutura bem equipada para hospedagem de embarcações, espaço comercial, de eventos e festivo para sócios e usuários (figura 11).

Seu marketing baseia-se, principalmente na sua localização: estando a 5 minutos do Aeroporto Santos Dumont e do centro da cidade, conta com infraestrutura completa para eventos, incluindo estacionamento para mais de mil veículos e assegurando “total segurança” para exposições, feiras, lançamentos de produtos, leilões, reuniões, shows, festas corporativas, congressos, etc.

⁴⁸ Carlos, Ana Fanni 2013, p. 47.



Figura 11. Marina da Glória

Fonte: Instituto de Arquitetos do Brasil⁴⁹

O local dispõe de cais, inclusive flutuante e uma infraestrutura de apoio às embarcações turísticas e desportivas, além de lojas especializadas em material náutico, restaurantes, lojas de conveniência, estacionamento privativo, segurança dia e noite, cursos de vela, pesca e mergulho, inclusive com tanque para aulas práticas com 5m de profundidade, serviços de eletricidade, mecânica, serralheria, marcenaria, laminação, pintura. Conta, ainda, com um pátio seco – para guarda das embarcações até 28 pés em carretas rodoviárias; o que chama de vaga molhada - com fácil acesso aos piers e orlas com profundidade de até 6m; *piers* extensos com facilidade de acesso às embarcações até 38 pés, além de um conjunto de orlas para acomodar embarcações de 38 a 150 pés, com estacionamento privativo em frente à vaga.

Segundo Azevedo, Serrano e Gonçalves⁵⁰ no projeto original do complexo do Museu de Arte Moderna (MAM) haveria três blocos que seriam destinados a uma escola, a um centro de exposições e a um teatro. A instituição foi fundada antes da construção de sua sede e tinha como objetivo exercer um papel ativo na produção de arte da cidade.

No entanto, não foi construída a escola e o teatro deu lugar a uma casa de espetáculos, o Vivo Rio, que pertence a uma empresa privada, e não tem relação institucional ou administrativa com o museu. Além de shows albergou um dos maiores eventos de negócios da cidade o Rio Fashion Week, quando a cidade rivaliza com São Paulo, o maior mercado de moda do continente, na atração da mídia e de compradores nacionais e de todo o mundo. Nos últimos anos o evento foi transposto para a Marina da Glória. Dentro do parque encontra-se uma das melhores e mais concorridas churrascarias da cidade, o Porcão Rio's com instalações que aproveitam à bela paisagem do entorno e espaço para reuniões e confraternizações, além de estacionamento para clientes.

Há um histórico de combate a tais projetos. O quadro abaixo resume as principais ações e embates ligados à privatização da Marina da Glória.

⁴⁹ Instituto de Arquitetos do Brasil, 2013. <<http://www.iabrj.org.br/caurj-e-iab-rj-promovem-debate-sobre-grandes-obras-com-discussao-do-projeto-%E2%80%98rio-marina-da-gloria%E2%80%99-de-indio-da-costa>>.

⁵⁰ Azevedo, Marlice & Serrano, Chintia & Gonçalves, 2009.

1979	Decreto do Presidente Figueiredo afora a área da Marina da Gloria ao município do Rio de Janeiro
1996	Concessão de 10 anos para a Empresa Brasileira de Terraplanagem e Engenharia. EBTE
1999	Usuários da Marina entram com uma ação por desvio de finalidade. A EBTE, cimenta os mosaicos do piso de Burle Marx, no Pavilhão Amaro Machado onde tinha um mirante aberto ao público, destrói os jardins e coloca uma cobertura, uma tenda provisória. Transformou uma área publica em privada ao promover ali eventos
2006	Feito o primeiro aditivo para o contrato, com concessão mais 30 anos à concessionária. (...) Em contrapartida a concessionária deveria realizar obras na Marina para os Jogos Pan-americanos de 2017.
2009	EBTE vende o contrato de concessão para a MBX de forma ilegal. A partir de setembro de 2009 a administração da Marina passou às mãos do grupo MBX, do empresário Eike Batista. Novamente cogitou-se modernizá-la com o fito de torná-la apta a receber disputas nas Olimpíadas de 2016, aumentando sua capacidade para 10 mil pessoas, mas ainda não havia autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em sua formatação à época, com pequenas modificações, a Marina estava apta a receber competições de vela.
2012	O projeto Eike Batista de construir um shopping Center foi reprovado pelo IPHAN
2013	Decreto 37 355 de 2/7/13 cria uma comissão especial para a Marina da Gloria composta por 2 representantes da prefeitura, 1 do IPHAN e 1 do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB). BR Marinas - http://www.brmarinas.com.br/ comprou o contrato de concessão. Para transformar num grande estande de eventos com infraestrutura e banheiros. Tudo coberto para uso comercial e privado. Na esplanada gramada de uso público a BrMarina inclui no seu projeto uma área de eventos, mesmo com a sentença judicial dizendo que eventos na Marina são um desvio de realidade, pois sua principal função é náutica. Cassado contrato de concessão
2014	BR Marinas compra MBX.
2015	Vários eventos durante o verão. Rio Music Carnival. Derrubada de cerca de 300 árvores do entorno da Marina para construção de um estacionamento.

Quadro 1. Histórico Marina da Gloria

Fonte: Rabello⁵¹

Em defesa da gestão e dos investimentos privados na Marina da Gloria o arquiteto Luiz Eduardo Índio da Costa argumenta, segundo estudos elaborados por sua equipe, a necessidade desses investimentos para a revitalização da área considerada, segundo ele, em estado de inércia e de sua dupla função em face de sua utilização nos jogos olímpicos de 2016.⁵²

Nessa disputa destacam-se o papel da Federação das Associações de Moradores (FAM RIO) – e políticos ligados em especial ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Além, da derrubada de árvores e obras irregulares (figura 12), houve a destruição do patrimônio arquitetônico e paisagístico, ligados diretamente ao Pavilhão Amaro Machado (1979),

⁵¹ Rabello, Sonia 2015a.

⁵² Costa, 2013.

arquiteto e construtor junto com Duarte Belo de um mirante aberto ao público ajardinado e revestido com piso de mosaicos construídos por Burle Marx. A EBTE cimentou os mosaicos do piso e destruiu seus jardins. Isto foi possível através de uma liminar autorizando a EBTE a proceder às obras.



Figura 12. Desmatamento no Entorno da Marina da Gloria

Fonte: Rabello⁵³

A Marina da Gloria ocupa uma área de 381 km² com localização privilegiada, pois está a 5 minutos do centro da cidade, a 10 minutos das praias da Zona Sul e é vizinha ao Aeroporto Santos Dumont. Segundo o arquiteto Amaro Machado, que projetou a Marina, ela foi pensada para pessoas que desejavam ter um barco e não poderiam pagar um Iate clube^{54,55}. As reivindicações da FAM Rio ao Ministério Público Federal são: – embargo imediato das obras; proibição de eventos na Marina da Gloria não relacionados à náutica e a realização de concurso público para participação da sociedade civil tanto no edital quanto no júri para a realização de um verdadeiro projeto de revitalização da Marina da Gloria com foco náutico.

Da análise do histórico da Marina da Gloria pode-se deprender que as instituições estatais tanto de âmbito federal, estadual e municipal agiram de forma ambígua, negligente e omissa na manutenção da condição jurídica de espaço tombado e da integridade do uso público, em detrimento aos interesses da iniciativa empresarial privada.⁵⁶

Sem dúvida, o Parque do Flamengo consolidou-se como um dos principais pontos de entretenimento da cidade. Além da extensa área para passeio e a praia, apesar de ter suas águas poluídas pela baía de Guanabara, continuam a funcionar os principais equipamentos previstos no projeto original: a pista de aerodelismo; tanque de modelismo naval; campos de futebol; quadras de tênis; campos de basquete; restaurantes; o Museu de Arte Moderna; o Museu Carmen Miranda; o Monumento a Estácio de Sá, projetado por Lúcio Costa; a Marina da Glória, projetada pelos arquitetos Amaro Machado, Duarte Bello e Luiz de Souza; o

⁵³ Rabello, 2015b.

⁵⁴ Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. <http://www.caurj.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Marina_da_Gloria_Projeto_Amaro_Machado.pdf>.

⁵⁵ Souza e Cabral, 2011.

⁵⁶ Federação das Associações de Moradores; Rabello, 2015. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/15.176/5463>>.

Monumento aos Pracinhas, idealizado pelo marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes e projetado pelos arquitetos Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder. Possui ainda espaços para playground infantil, teatro ao ar livre (figura 13) e a ciclovia recentemente conectada com a orla sul carioca até o final da praia do Leblon.

Todo este inventário revelou um projeto concebido que se explica por fatores político-econômicos. Ao longo dos anos 50, o início da construção atrelava-se as demandas urbanas dados pela necessidade viária, construção de novos espaços e pela valorização urbana da orla da Zona Sul carioca. Com a mudança da capital para Brasília e a criação do estado da Guanabara, a conclusão do aterro toma importância, enquanto projeto político e urbano da nova administração, quando encontrou recursos financeiros disponíveis para a conclusão do projeto.

Ademais, experiências acumuladas no campo da engenharia e da valorização dos profissionais envolvidos, deste os anos 40, em projetos urbanísticos de grande monta disponibilizam capital técnico para congregar as novas concepções paisagísticas para uso urbano de lazer e recreação. Assim pode ser transformado o aterro, não apenas em parque urbano, mas no principal cartão postal da cidade do Rio de Janeiro emoldurado pela baía de Guanabara, pelo Pão de Açúcar e tendo ao fundo o Corcovado, que por si só revela a excelência locacional do empreendimento.



Figura13 . Teatro ao Ar Livre

Fonte: Parque do Flamengo⁵⁷

“Este domingo, dia 1º de julho de 2012, é um dia histórico para o Brasil. É a data em que a cidade do Rio de Janeiro tornou-se a primeira do mundo a receber o título da UNESCO de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural. A candidatura, apresentada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foi aprovada durante a 36ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, que está reunido em São Petersburgo, na Rússia, desde o dia 25 de junho”.⁵⁸

⁵⁷ Parque do Flamengo – *Pista de Dança ou Teatro de Arena*.

<<http://www.parquedoflamengo.com.br/equipamentos/439/>>.

⁵⁸ Brasil, 2012. <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/rio-de-janeiro-patrimonio-mundial-532479/10967>.

Integram como elementos principais dessa condição: o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Floresta da Tijuca, o Aterro do Flamengo, o Jardim Botânico, a praia de Copacabana, a entrada da Baía de Guanabara, o morro e o Forte do Leme, o Forte de Copacabana, a ponta do Arpoador, o Parque do Flamengo e a enseada de Botafogo. Todos os bens tombados, enquanto patrimônio cultural e enquanto patrimônio natural.

Um dos mais divulgados cartões postais da cidade, o Parque do Flamengo possibilita uma quantidade inestimável de usos públicos de recreação e lazer, além de oferecer ao usuário a participação em atividades culturais. O prestígio histórico que o cidadão habitante e o turista conferem a este espaço urbano deve ser assumido como prática incontestada de um valor positivo da cidade e que reafirma a importância do espaço público da cidade, enquanto espaço da sociabilidade metropolitana.

Considerações Finais

A cidade contemporânea incorporou uma série de tecnologias que permitiram novas modalidades de produção de renda. É inegável constatar que a produção de espaços públicos constitui elemento importante nos projetos urbanísticos. Dialeticamente o espaço público constitui-se no espaço de todos, ao mesmo tempo em que produz renda de localização ao seu entorno sendo, portanto, apropriado por aqueles que detêm renda e capital.

Por outro lado, constata-se que nas cidades latino-americanas a intensificação do processo de urbanização convive com a produção de espaços informais baseados na produção de miséria e na ausência do poder público, principalmente no que diz respeito à implementação da infraestrutura urbana básica, ao atendimento escolar e de saúde.⁵⁹

Gerou-se ao longo desse processo um permanente estado de violência que se manifesta de diferentes formas sobre o espaço urbano, desde os vários tipos de criminalidade a que o cidadão comum está exposto, até às formas mais contundentes de intolerância social. A lógica da produção do espaço acentua e retroalimenta esta situação, quando novos comportamentos e novas formas de consumo urbano privilegiam os espaços fechados, hierarquizados e segregadores.

“A contradição é a marca das cidades brasileiras, bem como das cidades da América Latina. Aqui, as diferenças se sobressaem com maior vigor quando são confrontadas no plano do urbano. De um lado, a pobreza que vive em condições precárias em morros ou bairros afastados sem espaços adequados e infraestrutura necessária, e do outro lado da cidade, toda a infraestrutura seja pública ou privada que atende os de maior posse, onde as facilidades gravitam em sua volta.”⁶⁰

A mídia e também as redes sociais globalizam um padrão homogêneo e monopolístico de mercado, enquanto as redes de computadores consolidam novas formas de comunicação e solidariedade. Nas classes médias urbanas brasileiras, sua inserção se dá pela assunção de valores que reificam estas formas de viver e, em detrimento de sua capacidade real de uso e consumo.

A valorização dos espaços públicos assume, portanto, uma importância política adicional frente à realidade de violência urbana e dos padrões de consumo elitizados e extremamente tecnologicizados. Como afirma Capel (2005): “*La prueba mais evidente de la decadência de*

⁵⁹ Ferreira, João Sette 2000.

⁶⁰ Dias, 2005. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>>.

uma ciudad es la privatización del espacio público".⁶¹ O espaço livre público contrapõem-se as novas formas de espaços coletivos fechados como as grandes plantas comerciais e o shopping center, onde as relações sociais e os valores culturais estão intimamente ligados ao ter, ao experienciar pagando ou alugando, sem contar a vigilância que pode impedir a entrada de pessoas *indesejáveis* ou *perigosas*.

Apesar do espaço livre não estar isento do processo de mercantilização, ele por sua condição e origem assegura a possibilidade da condição do estar sem comprar. Estar a seu bel-prazer. De ir para levar (equipamentos de esporte, alimentação, livros, jornais, etc.) o que se quer ou para fazer o que sabemos por que nos ensinaram, porque nos legaram, ou seja, os hábitos herdados e mesmo as novas formas de recreação, cultura e esporte.

Por outro lado, na contemporaneidade, em função da ampliação do urbano a um espaço muito mais amplo incluindo o espraiamento da morfologia de cidade e a incorporação ao modo de vida urbana mesmo nas áreas rurais, o espaço público torna-se mais difuso e complexo. Somam-se a isso o desenvolvimento acelerado das tecnologias e a expansão do capitalismo neoliberal, surgindo assim um novo espaço público, em que a cidade é palco das estratégias de mercado associadas a estéticas globais e que homogeneízam o espaço urbano e seu entorno.

Esse espaço é mediático e o que lhe qualifica são os suportes de comunicação que avançam sobre um contingente de receptores o mais amplo possível para além de fronteira e limites no espaço.



Figura 14. Parque do Flamengo aos domingos e feriados

Fonte: Papo de esteira⁶²

As consequências deste contexto remetem ao controle da opinião pública baseada em pesquisas e inquéritos cuja finalidade é a manipulação política e empresarial que condicionam e selecionam os assuntos e temas que serão publicizados ou não. Ainda se reafirma um

⁶¹ Capel, 2005, p. 262.

⁶² Papo de Esteira. <<http://www.papodeesteira.com.br/blogs/otimizando/aterro-das-corridas/>>.

contexto de tensões entre o público e o privado⁶³ onde o espaço público se enfraquece diante do domínio do privado e das grandes corporações.

É o espaço público urbano exemplo dos novos desafios da contemporaneidade, estes que estão relacionados à dissolução e privatização da cidade, a hipervigilância sobre os lugares e usuários e o controle espacial. Assim, o que pesquisadores denominam de espaço público perdido, é um conjunto de processos que remetem a formas de privatização do espaço público. Uma contraposição é dada pela manutenção da funcionalidade histórica do espaço urbano enquanto o de ser o espaço da construção da civilidade, isto é, o espaço principal do urbanismo, da cultura urbana e da cidadania.

Ainda diante de nossa realidade urbana tão vulnerável e desigual diferenciam-se a tradição norte americana: tradição de vida de bairro, associações privadas e dependência aos meios de comunicação e a europeia: onde o estar no espaço da cidade é ainda uma forma de manter o espaço que a sociedade civil produz e ao mesmo tempo reivindica e que se exemplifica pela revalorização da cidade histórica, a defesa dos espaços públicos tradicionais e a integração do urbanismo e da arquitetura.^{64,65}

No caso específico do Parque do Flamengo o uso para lazer, esporte, recreação e cultura, apesar da insegurança, é contínuo e um permanente hábito da população carioca (figura 14). Mesmo em atividades institucionalizadas ou promocionais o espaço público ao ar livre viabiliza o encontro social em ambiente onde os elementos naturais estão preferencialmente presentes. A prática de atividades físicas ao ar livre, por exemplo, constitui uma prática saudável para variados segmentos sociais, inclusive para os portadores de deficiência física.

O Instituto Brasileiro de Pessoas Portadoras de Deficiência Física (IBDD) sediado no Rio de Janeiro, utiliza o espaço e os equipamentos do Aterro do Flamengo para torneios esportivos de deficientes físicos. Acontece no Aterro do Flamengo o encontro regional dos escoteiros do estado do Rio de Janeiro, com a presença de cerca de 3000 crianças e adolescentes. Na ocasião, o movimento Viva Rio⁶⁶ interagiu com os escoteiros através da presença do personagem Cambito, que defende a inclusão social e o fim da violência. A Associação Comitê Rio Da Ação Da Cidadania, Contra A Fome, A Miséria E Pela Vida também realiza seus encontros anuais no Aterro do Flamengo.

Um movimento da sociedade civil promovido pela Instituto Lotta (<http://www.institutolotta.com.br>) está promovendo o movimento *#Ocupaparque* com o objetivo de

“buscar centralizar e organizar esforços conjuntos da sociedade civil para a efetivação do potencial de convivência das pessoas no Parque, seja por meio de um moderno planejamento de recreação pública, seja pela adoção de outras medidas compatíveis com os melhores padrões internacionais de parques com o mesmo porte do Parque do Flamengo.”⁶⁷

⁶³ Dupas, Gilberto; 2008.

⁶⁴ Harvey, 2006.

⁶⁵ Berroeta Torres & Vidal Moranta, 2012.

⁶⁶ O Viva Rio é uma organização não-governamental a - partidária e sem fins lucrativos, foi fundado em 17 de dezembro de 1993, sob a luz de dois episódios: as chacinas da Candelária e de Vigário Geral. Ver em <http://www.soniarabello.com.br/por-que-o-parque-do-flamengo-esta-sendo-mutilado-confira/>

⁶⁷ Parque do Flamengo – *Parque do Flamengo Responsabilidade Social*.
<<http://www.parquedoflamengo.com.br/ocupa-parque/>>.

Os maiores destinos turísticos são urbanos, é no espaço público que o turista pode de fato conceber a geografia local. O espaço público ao ar livre inscreve a geografia dos lugares. O espaço público da cidade nunca é um não-lugar. Segundo Arendt⁶⁸ o termo público remete para dois fenômenos distintos embora correlacionados: o da acessibilidade, tudo que vem a público está acessível a todos – pode ser visto e ouvido por todos. E, o termo público centra-se, também, na ideia de comum, pois o mundo é partilhado por indivíduos que se relacionam entre si, apesar da sociedade de massas inibir a capacidade de o homem viver em comum limitando-o ao mero consumo. O comum, por sua vez, permite o acesso da diversidade.

Sem que se pretenda omitir ou desconsiderar a gravidade da situação de classes e da nossa desigualdade de renda, é importante constatar - a existência possível e concreta de todos iguais e diferentes no mesmo espaço comum. E lamentar a dubiedade e hesitação do Estado na proteção de um espaço tombado pela instituição federal. Num plano mais geral, deve-se destacar que desafios não faltam ao momento atual. Innerarity⁶⁹ salienta que num mundo publicamente vigiado e diante da celeridade abstrata do espaço global é um desafio empreender a organização social da responsabilidade e do poder cooperativo.

Finalmente, encerramos com uma ação afirmativa, porém tardia: o Tribunal Federal do Rio de Janeiro anulou, no dia 3 de fevereiro de 2016, o contrato de concessão da Marina da Glória, apesar de ainda estar mantida a agenda de eventos e shows. A decisão foi tomada pelo desembargador Guilherme Diefenthaler, da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal (TRF) – órgão da segunda instância do Judiciário, que desconstituiu o Contrato nº 1.713/96, de concessão do uso das instalações, da exploração dos serviços com finalidade comercial, da gestão administrativa e da revitalização do Complexo da Marina da Glória. O atraso resultou que a nova Marina foi recentemente inaugurada ao lado do estacionamento sobre as árvores derrubadas e já com restaurantes funcionando. E pronta para receber os eventos das controversas Olimpíadas do Rio de Janeiro.

Processos, agentes da produção do espaço e usuários do espaço público continuam em movimento. A luta e a caminhada se orientam em prol do livre direito de uso do espaço público e da construção de uma responsabilidade de gestão social conjunta e coletiva.

Bibliografia

ACERVO O GLOBO. [online]. <http://acervo.oglobo.globo.com/incoming/8934657-ee4-f32/materia/1998-020015-_19980521.jpg>. [12 maio 2013].

ALMEIDA, Ana Letícia C. - *Entrando em campo: a “pelada organizada” no Aterro do Flamengo*. Dissertação de mestrado orientada por Sonia Maria Giacomini [online]. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2012. 119 p. <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21156/21156_1.PDF>. [13 de outubro de 2015].

ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.

AZEVEDO, Marlice N. S.; SERRANO, Chintia. L.; GONÇALVES, Luísa A. G. T. - *MAM: Contradição das Artes?*: 8º Seminário DOCOMOMO BRASIL. Rio de Janeiro, 2008.

⁶⁸ Arendt, Hanna; 1997.

⁶⁹ Innerarity, Daniel; 2006.

BERROETA TORRES, Hector; VIDAL MORANTA, Tomeu. - La noción de espacio público y la configuración de la ciudad: fundamentos para los relatos de pérdida, civilidad y disputa. *Polis*, 2012, vol.11, nº 31, p. 57-80.

BRASIL, Ministério da Cultura – *Rio de Janeiro: Patrimônio Mundial* [online]. 1 jul. 2012. <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xlR9iTn/content/rio-de-janeiro-patrimonio-mundial-532479/10967>. [10 de fevereiro de 2016].

CAPEL, Horacio - *La Morfologia de Las Ciudades II*. Aedes Facere: técnica, cultura y clase social em la construccion de edificios. Barcelona: Editorial del Serbal, 2005.

CAPEL, Horacio - *La Morfologia de las Ciudades III*. Agentes urbanos y mercado inmobiliario. Barcelona: Editorial del Serbal, 2013.

CARLOS, Ana Fani - Espaço público e “nova urbanidade” no contexto do direito à cidade. [online]. *Revista Confins*, 2013, nº 18. <<http://confins.revues.org/8391?lang=pt>>. [22 de janeiro de 2014].

CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO RIO DE JANEIRO - *Planos Urbanos do Rio de Janeiro: Plano Agache* [online]. <<http://planourbano.rio.rj.gov.br/>>. [15 de janeiro de 2016].

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO RIO DE JANEIRO – *Parque do Flamengo* [online]. <http://www.caurj.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Marina_da_Gloria_Projeto_Amaro_Machado.pdf>. [10 de outubro de 2014].

COSTA, Luiz Eduardo Índio da - Marina da Glória. *Projetos*, 2013, ano 13 [online]. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/13.147/4687>>. [10 de outubro de 2014].

COSTA, Lucia Maria S. A. - *Arborização Urbana e Parques Públicos: Anais do 1º Seminário de Arborização Urbana no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1997.

DECRETO ESTADUAL nº 607. *Diário Oficial* (4/10/1961).

DIAS, Fabiano - O desafio do espaço público nas cidades do século XXI. *Arquitextos*, 2005, ano 6 [online]. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>>. [8 de agosto de 2013].

DUPAS, Gilberto - *Ética e Corporações. Tensões entre o Público e o Privado* [online]. 2008. <http://www.eca.usp.br/departam/crp/cursos/posgrad/gestcorp/organicom/re_vista8/68a77.pdf>. [14 de agosto de 2014].

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES; RABELLO, S. Privatização da Marina da Glória, Parque do Flamengo: Carta aberta da sociedade civil carioca. *Minha Cidade*, 2015, ano 15 [online]. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/15.176/5463>>. [23 de novembro de 2015].

FERNANDES, Nelson da Nobrega - *O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. 171p.

FERREIRA, José Sette. W. – Globalização e Urbanização Subdesenvolvida [online]. *São Paulo em Perspectiva*, 2000, vol. 14, nº 4 [online].

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400003>. [14 de novembro de 2013].

GOMES, Paulo Cesar C. - Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In CORREA, Roberto Lobato; CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C. - *Olhares Geográficos. Modos de Ver e Viver o Espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 19-42.

HABERMAS, Jürgen - Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 398p.

HARVEY, David - Space as a keyword. In CASTREE, N.; GREGORY, D. (org.) - *David Harvey: A Critical Reader*. Tradução de Letícia Gianella. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/551/345 . [09 de setembro de 2013].

INNERARITY, Daniel - *El Nuevo Espacio Público*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2006.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL - CAU/RJ e IAB-RJ promovem debate sobre grandes obras com discussão do projeto 'Rio Marina da Glória', de Índio da Costa [online]. 22 abr. 2013. <<http://www.iabRJ.org.br/caurj-e-iab-rj-promovem-debate-sobre-grandes-obras-com-discussao-do-projeto-%E2%80%98rio-marina-da-gloria%E2%80%99-de-indio-da-costa>>. [7 de novembro de 2014].

LEFEBVRE, Henri - *La Production de L'Espace*. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

MACEDO, Silvio S.; SAKATA, Francine G. - *Parques Urbanos no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2002.

MAGNOLI, Miranda M. - *O Parque no Desenho Urbano: Anais do II Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil*. São Paulo: PINI, Brasília: CNPq, Rio de Janeiro: FUNEP, 1986.

MAHFUZ, Edson. - The importance of being Reidy (1). *Arquitextos*, 2003, ano 4 [online]. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.040/652>>. [22 de julho de 2015].

MEDEIROS, Ethel B. - *O Lazer no Planejamento Urbano*. Rio de Janeiro: FGV, 1971.

OLIVEIRA, Ana Rosa - Parque do Flamengo: instrumento de planificação e resistência (1). *Arquitextos*, 2006, ano 07 [online].

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/288>>. [20 de janeiro de 2016].

O RIO DE JANEIRO: O Portal da Cidade Maravilhosa - *Aterro do Flamengo* [online]. <<http://www.oriodejaneiro.com/aterro-do-flamengo/>>. [23 de novembro de 2015].

O RIO DE JANEIRO: O PORTAL DA CIDADE MARAVILHOSA - *Bairro do Flamengo* [online]. <<http://www.oriodejaneiro.com/flamengo-htm/>>. [23 de novembro de 2015].

PAPO DE ESTEIRA – *Aterro das corridas* [online]. <<http://www.papodeesteira.com.br/blogs/otimizando/aterro-das-corridas/>>. [20 de janeiro de 2016].

PARQUE DO FLAMENGO – *Aterraram a baía! Um aterro salvo pelo parque* [online]. 2015. <<http://parquedoflamengo.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-10-16T07:21:00-07:00>>. [16 de março de 2016].

PARQUE DO FLAMENGO – *Parque do Flamengo Responsabilidade Social* [online]. <<http://www.parquedoflamengo.com.br/ocupa-parque/>>. [20 de janeiro de 2016].

PARQUE DO FLAMENGO – *Pavilhão Japonês* [online]. <http://www.parquedoflamengo.com.br/wpi/wp-content/uploads/2015/07/festivaldojapao_11.jpg>. [23 de novembro de 2015].

PARQUE DO FLAMENGO – *Pista de Dança ou Teatro de Arena* [online]. <<http://www.parquedoflamengo.com.br/equipamentos/439/>>. [2 de fevereiro de 2016].

PARQUE IBIRAPUERA – *Conservação* [online]. <<http://www.parqueibirapuera.org/wp/wp-content/uploads/2013/02/mapa-acessos.jpg>>. [15 de novembro de 2015].

PEOPLE POWER - *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro* [online]. <<http://www.ppow.com.br/2011/06/25/mam-rio-de-janeiro/>>. [9 de setembro de 2013].

RABELLO, Sônia - *No Rio, a escandalosa mutilação do Parque do Flamengo* [online]. 2 fev. 2015b. <<http://www.soniarabello.com.br/rio-a-escandalosa-mutilacao-do-parque-do-flamengo-derrubada-de-seu-jardim-tombado-paisagem-cultural-mundial/>>. [10 de fevereiro de 2016].

RABELLO, S. - *Por que o Parque do Flamengo está sendo mutilado? Confira...* [online]. 28 abr. 2015 a. <<http://www.soniarabello.com.br/por-que-o-parque-do-flamengo-esta-sendo-mutilado-confira/>>. [11 de fevereiro de 2016].

REMEDI, Gustavo - *La ciudad Latinoamericana S. A. (o el asalto al espacio público)* [online]. 2005. <<http://elobservatorio.info/latinoamericana.htm>>. [23 de julho de 2013].

REZENDE, Vera - *Planejamento Urbano e Ideologia: quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

RIO DE JANEIRO. Fotojornalismo Histórico - *Praia do Flamengo com Av. Oswaldo Cruz* [online]. 2013. <<http://riodejaneirofotosantigas.blogspot.com.br/>>. [6 de fevereiro de 2014].

SAMPA ART - *Parque do Ibirapuera* [online]. <http://www.sampa.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=519&Itemid=636>. [15 de novembro de 2015].

SOUZA, Luiz Felipe M. C.; CABRAL, Maria Cristina - *Marina da Glória, sobre a constituição do lugar e sua transformação em gueto*: 9º seminário DOCOMOMO Brasil. Brasília. 2011.

WIKI RIO - *Coreto Modernista* [online]. <http://www.wikirio.com.br/Coreto_Modernista>. [24 de fevereiro de 2016].

© Copyright Maria Lucia Pires Menezes, 2017

© Copyright *Biblio3W*, 2017

Ficha bibliográfica:

MENEZES, Maria Lucia Pires. O Aterro e o Parque do Flamengo. 50 anos de espaço público. Sucessos e conflitos *Biblio3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 5 de abril de 2017, vol. XXII, nº 1.195. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1195.pdf>>. [ISSN 1138-9796].